

RUBEM BRAGA

CUBA E NÓS

AQUELA velha história de um caipira que explicava a outro como era uma locomotiva: «Sabe, uma máquina de costura?» E como o outro dissesse que sim: «A locomotiva é... muito maior e muito diferente».

Tive vontade de contar essa história a um líder cubano, em Havana, quando êle começou a falar da Sierra Maestra, onde começou a revolução, e acabou falando da Cordilheira dos Andes. O bravo Guevara haveria de descobrir à própria custa a diferença. Também aqui no Brasil o mesmo romantismo orográfico levaria alguns desatinados a estabelecer uma base de guerrilhas na serra do Caparaó.

E' inevitável que a invasão brutal da Tcheco-Eslováquia, faça com que muita gente comece a reconsiderar a questão de Cuba. Um velho jurista fascista brasileiro, que o Fernando Sabino encontrou ontem na rua, disse-lhe, entusiasmado: «os Estados Unidos deviam invadir Cuba imediatamente!» Leio agora, em um de nossos grandes jornais, que «a questão cubana será reaberta, e o Brasil, que se alinhou na defesa do princípio da não intervenção, terá de levar em consideração que o Tratado do Rio de Janeiro é documento de conteúdo jurídico propício ao reexame do problema».

Não duvido de que muitos dos bravos oficiais da «linha dura» estejam neste momento a arear as espadas, secos para participar da expedição. E' só os americanos fazerem um sinal e lá correremos todos, como polonêses e húngaros do Nôvo Mundo, para libertar os cubanos...

E' difícil saber o que estarão pensando as cabeças em Washington. Mas não precisam se esforçar muito: temos aqui no Brasil quem se encarregue de pensar por elas, do ponto de vista norte-americano, a toda velocidade. Já que Moscou espezinhou o princípio de autodeterminação dos povos, Was-

hington também deve fazê-lo, eis a «lógica de ferro» dêsses patriotas de vinculação certa.

O diário de Guevara, provou que Havana financiava sua infeliz aventura. Também não há dúvida alguma de que os americanos financiaram e prepararam homens e armas para a reação. Até aí, tudo normal, como dizia aquêle sujeito da outra anedota. Mas nós, que não somos americanos nem russos, quando nos habituaremos a raciocinar como brasileiros, simplesmente brasileiros, e não capangas de nenhuma potência?

Seria exagêro convidar essas pessoas a deixar a estratégia americana a cargo do Pentágono e da Casa Branca? Os russos certamente sabiam que tinham algo a perder com a invasão da Tcheco-Eslováquia, e os protestos dos Partidos Comunistas francês e italiano, os mais fortes do Ocidente, mostram que a desagregação do comunismo se agravou. Assim, também, os americanos sabem que uma invasão de Cuba, terá vantagens e desvantagens; uma destas, embora talvez, não a maior, será a simpatia que todos os demais povos latinos do Continente sentirão pelos cubanos bombardeados e metralhados em suas casas, em suas ruas, em seus campos.

Não posso imaginar, já disse, o que fará Washington. Em todo caso, o problema é lá dêles. Mas que interesse temos nós, brasileiros, em rasgar a doutrina da não-intervenção, que é a única a consultar nossos interesses específicos e também, o interesse superior da Paz? Quando êsses cavalheiros deixarem de ser teleguiados? Ah, nossos teleguiados nem sequer aguardam ordens: começam logo a pensar exatamente como imaginam que seus senhores estão pensando...

DIV 23.8.68